



## Dos Desvios do “ambiental” à pergunta pelos motivos dos desvios do ambiental: qual melodia nos tem passado despercebida?

Michele Fernandes Gonçalves[1]

Ana Maria Hoepers Preve[2]

---

Numa música, o que é que mantém junto tudo isto que componho, toco ou ouço?  
Sem dúvida existe um ponto do qual vale nos afastarmos por algum momento, aquele em que  
compor é tecer uma sequência teoricamente explicada de efeitos ou gestos ou símbolos ou  
truques, e buscar um outro modo de ver as coisas...  
(Sílvio Ferraz, 2018, p. 23)

A Educação Ambiental, embora configure um campo disciplinar em seu modo de funcionamento, aparece nos documentos oficiais da Educação Básica brasileira como tema transversal. Ainda assim, vê-se que muito de sua operação limita-se a algumas áreas consideradas de caráter “ambiental”, e mesmo nelas adquire a forma da informação – é necessário *saber sobre* a “natureza”, o “ambiente” e suas complexas relações internas para deixar de agredi-los. Entretanto, muitos pensadores ao longo dos séculos XX e XXI criticaram e ainda criticam a ideia desse “saber sobre”, advogando que o saber, por si só, já não garante qualquer transformação. A crise da experiência, já anunciada por Walter Benjamin (2012) nas primeiras décadas dos anos 1900, segue sendo colocada em discussão por autores de distintos campos do saber, das ciências à filosofia e às artes e delas à própria educação, e em todos eles se relaciona de algum modo a uma outra crise, a da informação – a ideia de que basta estar informado sobre as causas e consequências de uma ação ou acontecimento para transformá-los ou evitá-los. Grande parte da comunicação, de acordo com Maurício Lazzarato (2006), normatiza a existência de maneira intencional ao disseminar a informação como um dispositivo moderno que limita a criação de possíveis a uma simples transmissão, agindo no sentido de reduzir o imprevisível e o desconhecido ao já sabido e esperado e inaugurando um novo terreno de luta entre as lógicas e práticas da informação e as da expressão.



Afastando-se das lógicas informacionais e caminhando em direção às lógicas expressivas, pensadores contemporâneos como Bruno Latour, Lynn Margullis, Ana Primavesi, Ana Tsing, Emanuele Coccia, Donna Haraway, Estefano Mancuso, Ailton Krenak e tantos outros, todos transitando entre por entre campos distintos do conhecimento, vêm ganhando destaque ao afirmar que é necessário, para além do “sobre”, *pensar com, escrever com, fazer com, sentir com, viver com, saber com*. O que se coloca como urgência em todos eles é a necessidade de uma mudança no modo de fazer e de pensar que seja capaz de afetar o modo de sentir e de se relacionar com as coisas, e que retire a primazia da informação como redenção dos problemas sociais, ambientais, psíquicos, emocionais, relacionais etc. Entretanto, se a informação, como nos mostram Ana Maria Preve e Guilherme Corrêa (2007), se mostra insuficiente para responder aos tempos em que vivemos por plasmar o pensamento à uma “ecologia de rebanho” moral e simplificadamente recostada na ordem do “sobre” do vivido, há de se pensar o que surge como contraponto. Nesse sentido, a insistência do presente parece exigir uma mudança profunda na sensibilidade, como sugere Franco Berardi (2020), a qual, necessariamente, toca o campo educacional.

Carlos Skliar (2003) sugere que a educação é o lugar onde o encontro com o outro pode se dar no âmbito do sensível, de um reverberar permanente que cria, a cada vez, facetas inauditas de todos nós, como em uma melodia que nunca se repete da mesma maneira embora sejam sempre as mesmas notas a serem tocadas, pois que a variação em sua repetição depende do movimento que a produz, o qual carrega em si a possibilidade de uma pequena diferença. Para que essa diferença apareça é necessário, contudo, desfazer-se de antigas canções ou modos de execução musical cuja fixação pela forma vazia, advinda da divisão aristotélica entre forma e conteúdo, impeça o curso constante de suas transformações. Em outras palavras, para que esse reverberar se faça soar a plenos pulmões é preciso abandonar antigas práticas queensem e produzam mundos a partir das “divisões fundamentais” e das grandes dicotomias herdadas e/ou aprofundadas na Modernidade: humano x animal, cultura x natureza, teoria x prática, ambiente x sociedade, sujeito x objeto, razão x emoção, educação x ignorância etc.

Tendo em vista a potência e a urgência desse abandono, propusemos, para este dossiê, a seguinte pergunta: e se pensássemos a Educação fundada na separação entre o “ambiente” e os que o



tomam e examinam por seu “objeto” como uma canção démodé cuja fixidez de seu refrão – o refrão “ambiental” – precisasse ser incessantemente traída, até que dessa traição derivasse uma pequena diferença, um desvio composicional, um intervalo dissonante? Nosso desejo foi reunir pesquisadores, educadores, artistas e pensadores de diversas áreas do saber que estivessem produzindo/experimentando práticas, em espaços formais e não formais de educação, dispostas a trair esse refrão, o refrão da Educação Ambiental feita com letras maiúsculas, arriscando-se a pensá-la e problematizá-la a partir de um deslocamento de seu lugar confortável – o lugar institucionalizado e “salvador de todos perante a crise climática”. Era importante para nós que essas práticas estivessem dispostas a pensar a educação ambiental a partir de um novo refrão, uma melodia outra que não a disciplinar à qual chamamos, inspiradas em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014) e, mais contemporaneamente, em Ana Godoy (2008) e Sílvio Gallo (2008), *menor*, feita com letras minúsculas, cadências “estranhas” e compassos inimagináveis, na direção da produção de afetos que de alguma forma pudessem fender a ideia de que há uma “natureza” a ser salva por uma condição “humana”.

Foi a partir desse convite que os artigos, os ensaios acadêmicos e fotográficos, as reportagens, as obras artísticas, os materiais do laboratório-ateliê e a resenha que compõem este dossiê chegaram até nós. Todas essas produções, de uma maneira ou de outra, colocam em jogo “desvios” necessários na sua composição possível com diversas áreas de produção do saber, como a educação, a educação básica, a filosofia, a ecologia, a comunicação, a psicologia, o cinema, a fotografia, a literatura e o teatro, bem como na sua invenção potente com as práticas escolares, tradicionais, comunitárias, extensionistas, cotidianas etc. São produções que mobilizam questões que tem como mote a relação que estabelecemos com: o meio, as coisas, a “natureza”, o “ambiente”, o outro em sua alteridade radical – esse, que reverbera, sempre, junto de nós.

Essas reverberações, tão almejadas por esse “nós”, se mostram desde o texto “Narración y cuidado de mundos: tramas en torno a la fragilidad de la existencia”, de Carlos Skliar e Pablo Cosentino, que abre o dossiê com a compreensão da educação ambiental como um gesto de cuidado não extrativista com a vida; até aquele que fecha a sessão de artigos, “Reencantando a educação ao verdejar o aprender: uma experiência sentipensar e agir ecossistematicamente em um jardim sensorial”, de Mariana Bassetto Peres, Paulo Sérgio Calefi e Gabriela Salvador de Amo, que discute,



a partir da construção de um jardim sensorial, o sentipensar na educação profissional e tecnológica no ensino médio integrado.

Entre um e outro, uma variedade de temas insistentemente “desviam”. Marília Pisani o faz explorando as pedagogias possíveis por entre agroecologia, cartografia, ensino de filosofia e bolsas de sementes no texto “A pedagogia da bolsa de sementes”; Guilherme Corrêa analisando as relações “tribunais” entre educação, ecologia, o bem e o mal, em um texto que leva exatamente esse nome; Júlia Flecher de Andrade discutindo a educação infantil como correspondência e cuidado com outros seres no texto “Por que não infanciar a educação ambiental? Por corpos que dancem, sintam, descubram, brinquem, imaginem com o mundo”; e Daniela Cassinelli e Isabel Carneiro investigando a arte e a educação como teias multiespécies de experiências comunais no texto “Pedagogia da teia: arte e educação como emaranhado afetivo”.

Os desvios seguem na sessão de artigos com a discussão da importância de desenvolver um corpo poético na educação escolar no texto “Uma escola ribeirinha em Manaus/AM e outra em São Lourenço do Sul/RS: reflexões sobre educação ambiental ancoradas na educação dos sentidos e nos estudos da performance”, de Francesco de Paulo D’Avila Júnior; e com a articulação entre educação popular, paradigma do bem viver e educação ambiental em um programa de extensão que cultiva sementes e dispersa esperanças no texto “Cultivando outras relações, outras convivências e outros mundos possíveis: a experiência do Programa de Extensão ConViva!”, de Aline Campos, Edinelma Alves de Sousa Resplandes, Maria Victória Lima dos Santos e Pedro Lucas Nunes Lopes.

O “outro reverberante” também desvia por entre desertos, geografias, fotografias e paisagens in-visíveis no texto “[deserto] imagem, meio e cartografia: notas sobre o movimento e a relação com o não conhecido”, de Ana Godoy, que abre a sessão de ensaios; bem como através da cartografia sentimental produzida por estudantes de psicologia em um contexto de estágio supervisionado com populações em vulnerabilidade social no texto “A psicologia indisciplinada como uma po-ética na produção de bons encontros”, de Vitor de Sena Moraes, Jennifer Elizabeth Vieira e André Luiz Strappazon, que fecha essa mesma sessão.

No universo compreendido entre esses dois, muita coisa “foge” – e, por isso mesmo, nos encontra. A “fuga” se dá a ver em “A ursa: quando uma imagem morde”, texto em que Camila Policastro se



encontra com a fotografia de uma urso polar e seus dois filhotes, tramando a partir daí uma “narrativa multiespécies, interclimática e pluricultural” que pretende “ficar com esse problema”. Ela também está presente em “Farinhar: memórias subterrâneas”, em que Vatsi Meneghel Danilevicz, Romari Alejandra Martinez Montano e Christiana Cabicieri Profice pleiteiam a mandioca como “substrato rizomático de sustentação” das subjetividades dos povos de Aby Yala, tratando-a como uma complexa rede de resistências que se difunde pelo território. Muito do por nós compreendido como “normal” foge também em “Cosmopolíticas da polinização: uma ecologia de práticas da flor nas artes da presença”, em que Vinicius Huggy, utilizando-se da pedagogia do ator e dramaturgo nipônico Zeami e em contraposição aos conceitos de peste e contaminação de Antonin Artaud, apresenta a polinização como um desdobramento do “gesto de transmitir” da flor. E a fuga continua em “El nombre de la tierra”, texto no qual Daniela Elisa Alvarez indaga os nomes que outorgamos à “Terra” e suas implicações políticas, problematizando sua personificação pelas letras maiúsculas em contraposição à sua dissolução nas letras minúsculas das cosmologias indígenas e dos feminismos.

Em “Em viagem”, Lígia Mara Santos e Maria Eliza Chierighini Pimentel narram a vertiginosa viagem entre o real e o imaginário, a racionalidade e o afeto de um grupo de crianças em uma escola de educação infantil, articulando arte e literatura como maneira de “desviar” e vislumbrar outras possibilidades de ser criança no espaço escolar. Em “Escrevivendo e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie”, Marcos Reigota narra seus desvios em um encontro atemporal com uma instalação artística que o entrelaça em acontecimentos coletivos e pessoais, da Covid-19 e o aquecimento global às elaborações teóricas, pedagógicas e políticas na companhia de alguns amigos próximos como Iole de Freitas e Marta Catunda. Em “Imagens invertidas em águas turvas”, Ananda Casanova nos convida a um encontro multiespécies com um rio poluído, a partir de um olhar desviante “para além do que os olhos podem ver” que se conjuga a um grupo de estudantes e suas câmeras estenopeicas. E em “Diário de muitas alianças: entre crianças e plantas, entre docentes e discentes, entre palavras e imagens”, Diogo Pereira de Souza, Fernanda Omelczuk e Wenceslao Machado de Oliveira Jr. apresentam experimentações afetivas por entre cinema, escola, infâncias e “ambientes”, trazendo montagens textuais e imagéticas a partir de uma oficina de cinema com crianças e plantas que também “desvia” do “Ambiental” com letras maiúsculas.



O trabalho *com* os desvios na infância, nas ecologias e nos modos de vida “para além dos humanos” segue enveredando-se também pelas brincadeiras infantis no texto “Conversas com ecologias e educação infantil: um convite para emaranhar com bebês e crianças num mundo em ruínas”, de Bárbara de Mello e Natasha Pitanguy de Abrantes. Já em “Educação ambiental libertadora e pluriversal: como educar-nos uns aos outros mediatizados pelo mundo de muitos mundos?”, de Matheus Henrique da Mota Ferreira, o que se coloca em jogo é a dimensão crítica e libertadora, política e cosmopolítica que a educação ambiental pode adquirir ao ser pensada junto – e em uma espécie de dissonância criativa – de Paulo Freire. Em “A biodiversidade como dupla-fratura: caminhos para o refúgio”, Rebeca Verônica Ribeiro Viana, Anne Caroline de Freitas, Gabriel Barco Silva, Paulo Takeo Sano e Ronaldo Andrade dos Santos discutem o conceito de dupla-fratura, de Malcom Ferdinand, na construção de uma educação em biodiversidade no ensino superior e nas redes de pesquisa que se constitua como um refúgio um tanto “díspar” diante do colapso “ambiental”. Por fim, em “Desvios ambientais possíveis a partir de um texto literário: uma resenha do livro ‘A mulher pássaro’, de Carolina Becker”, Ariana Sousa de Moraes Sarmento traz as possibilidades que a literatura promove de esgarçar as fronteiras entre humano, inumano e mais que humano, “desviando” dos binarismos que invadem a Educação Ambiental.

“Plantas epimecóticas – *Phalaenopsis peregrina*”, de Mateo Jaramillo Velásquez, abre os desvios da sessão “Artes” especulando novas formas de vida ao conectar o campo da automatização industrial e das mudanças climáticas a partir do desenvolvimento de órgãos mecânicos como próteses para plantas epífitas. “Fabulações de uma ilha flutuante, ou como fazer-com a maré”, de Bruno Novaes, transforma os desvios em “transvios” ao propor aos “processos de pedagogização” típicos da infância escapes dos contornos entre humano e não humano por meio de pinturas, desenhos e objetos que compõem uma “coleção constelar de seres abertos à metamorfose”. “É demasiado isto, não o bastante aquilo”, de Gustavo Torrezan, questiona o próprio desvio ao “enquadrar” linhas vitais que remetem a gestos singulares de existência, evidenciando os limites e as tensões que constituem nossa “organicidade” e nossa real possibilidade de “fugir do ambiental”. E “Código y Primigenia”, de Mateo Jaramillo e Luz Alvarez, leva esses possíveis desvios da arte à arquitetura ao apresentar uma fabulação especulativa em 3D a partir da obra de alguns artistas e de um genuíno interesse pelas plantas e seus padrões geométricos.



Elis Mira, em um conjunto de imagens que apresenta sua obra, dá a ver a simbiose dos corpos humanos e não humanos que compõem um modo particularmente “desviante” de pensar-fazer-sentir em arte e educação. Béa Meira, Rayane Barbosa Kaingang, Larissa Ye’pa e Ana Claudia Martins (Claudia Baré), em “A carne de Gaia - um dispositivo vivo”, expõem algumas obras e imagens da exposição A Carne de Gaia, que circulou em cidades do interior paulista durante o ano de 2024 perguntando-se como desviar do privado e ativar o engajamento público e sensível a partir de textos, imagens e objetos no espaço silencioso de um museu. “Corpo-Trilha”, de Débora Steffen e Guilherme de Abreu Machado, mostra como pequenos desvios no “olhar, ver e escutar” em um ambiente “natural” pode provocar a desaceleração e o expansão de um corpo por sobre um caminho “ambiental”. E “Verdear”, de Adrián Cangi, potencializa esse “desvio-do-verde-padrão” à máxima potência ao mesclar tristeza e desejo em palavras que produzem florestas perdidas em memórias e fabulações familiares.

Mais fabulações seguem “desviando-se” em “Ninho-Território-Abuelas”, obra em que, como forma de propiciar um local de passagem para pássaros jovens que não conseguem voar por muito tempo, Flaviana Benjamin constrói ninhos com materiais naturais e os distribui em diversas árvores de uma cidade, não se surpreendendo ao receber das mesmas aves, “de presente”, outros ninhos, muito menos “naturais” e mais “desviantes” dos produzidos por ela. Os pássaros seguem em destaque junto a alguns outros animais do Cerrado em “Impactos das queimadas para os animais silvestres no Bioma Cerrado”, obra em que Kátia Gomes Facure Giaretta, Camila de Paula Teixeira, Bruna Davi Alves, Giovanna Tannous de Sousa, Michel Muiller Pereira, Vanessa Fonseca Gonçalves e Celine de Melo propõem uma discussão que “desvia” do senso comum sobre o fogo no bioma, problematizando-o como agente de manutenção e de potencial extinção – se em demasia – da biodiversidade.

Os desvios também se produzem em uma série de trabalhos que envolvem a prática do cuidado por entre educação, saúde e clínica. Em “Em/tre arte(s)aúdes: pensa(movi)mentos radicais, cosmicidades, \_\_voracidades e ter(r)apêuticas”, Sebastian Wiedemann e Alexis Milonopoulos apresentam os resultados de seu trabalho com proposições em “arte(s)aúd(e)ducação”, a partir da noção de “pesquisa-cuidado-in(ter)venção”. O mesmo Sebastian Wiedemann, agora com Natalia Perez em “Cultivando las artes de prestar atención y de respons-abilidad”, partilha suas práticas



docentes pensadas como criação de espaços de vínculo com os estudantes para as “artes de prestar atenção e escutar”. E América Larraín, Natalia Pérez e, novamente, Sebastian Wiedemann, em “Alimentos Inadvertidos, una cartografía-banquete multiespecies”, discutem nossa relação com os alimentos a partir de um convite a conhecer as plantas que residem, silenciosas e quase imperceptíveis, no *campus* de uma Universidade Colombiana.

Por fim, fechando o Dossiê a partir de uma pergunta aparentemente inversa àquela que o originou: “afinal, como foi que nos desviamos do ambiental?”, SPIN #2, de Daniel Chaves de Carvalho, nos convida a transitar pelo mistério da dualidade “cujas polaridades se debatem em uma luta entre opostos, enquanto estes não se percebem complementares”. É com essa segunda pergunta, que pareceria oposta ao convite para “desviar do ambiental” apenas se não nos atentássemos à provocação de Daniel por “transcender [embora, para nós, a palavra mais correta seja *desviar*] a dialética”, que finalizamos nossa pequena reunião de escritos “desviantes”, nosso intervalo dissonante no interior do refrão maior da Educação Ambiental. Acreditamos que o conjunto aqui disposto compõe uma melodia que se pretendeu não disciplinar e que tentou fazer soar, por entre a fixidez institucional das práticas educativas, artísticas e de pesquisa “sobre” a “natureza”, outros sons para outros tempos, de maneira a com sorte alcançar o “ponto do qual vale nos afastarmos”, como aconselha a epígrafe de Sílvio Ferraz escolhida para abrir o Dossiê. Esses “outros tempos” para os quais soam os sons aqui reunidos são, sim, também os tempos de catástrofes, como bem diagnosticou Isabelle Stengers (2015), mas não só; eles são, sobretudo, aqueles de pura “expressão poético-selvagem da vida”, no melhor sentido posto por Ailton Krenak (2020): o de um atravessamento anterior ao “humano”, precedente ao “ambiental”, prévio às separações de qualquer “natureza”, feito *com* tudo o que existe e persiste conosco, em, além e através de nós. Feito com o que nos atravessa e, ainda bem, acontece a nosso despeito.

## Bibliografia

BENJAMIN, Walter, 1982-1940. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura/ Walter Benjamin. Tad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª. Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v.1).





BERARDI, Franco. **Asfixia**: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 2014.

FERRAZ, Silvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]**: um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. 2a. ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2018.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KRENAK, Ailton. **A vida é selvagem**. Cadernos SELVAGEM, Rio de Janeiro: Dantes Editora, Biosfera, 2020.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**/ Maurizio Lazzarato. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (A Política do Império).

PREVE, Ana Maria H.; CORRÊA, Guilherme. Ecologia de rebanho. In: PREVE, Ana Maria H.; CORRÊA, Guilherme (Org.). **Ambientes da Ecologia**: perspectivas em política e educação. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2007.

SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí? Trad. Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo. São Paulo: CosacNaify, 2015.

---

[1] Instituto de Cultura Científica - ICC, Universidade Federal de São Carlos - UFscar. Email: [carpe\\_mizinha@hotmail.com](mailto:carpe_mizinha@hotmail.com).

[2] Centro de Ciências Humanas e da Educação - Faed, Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc. Email: [anamariapreve@gmail.com](mailto:anamariapreve@gmail.com).